

**Antropologia do Espaço**  
**Aula #2 – Texto de apoio #2**  
**13 de Março de 2007**

**Antropologia do Espaço A Evolução do campo de estudo**

**- os anos 90 e o reacender do interesse pelos estudos relacionados com o espaço**

Desde cedo que nos trabalhos antropológicos clássicos se dedicou alguma atenção às questões do espaço. Era comum encontrarem-se descrições das habitações, as áreas públicas comuns e até da paisagem em que os grupos humanos em estudo se encontravam inseridos, ou seja, as dimensões espaciais das práticas e crenças culturais revelaram-se de grande interesse para os antropólogos, dando-se alguma ênfase aos elementos da cultura material que suportavam e adornavam a vida quotidiana. Contudo, estas descrições e análises não existiam (na maioria das vezes) *per si*, mas antes para legitimar uma ou outra interpretação teórica de outros aspectos, considerados de *maior relevância* para o estudo das práticas culturais da sociedade em causa (Low & Zúñiga-Lawrence, 2003).

A década de 90 imprimiu nas ciências sociais em geral e à Antropologia em particular, um interesse e uma perspectiva renovada no que diz respeito à relação do espaço com as relações sociais e com o seu significado simbólico. Se até este momento, o espaço aparecia apenas como um pano de fundo, a partir deste ponto passa para um dos primeiros planos no momento de explicar as práticas e relações sociais de um determinado grupo. Fica assim clara a noção de que todo o comportamento existe e é construído num/no espaço. Neste sentido, a alteração mais significativa que se deu ao nível da Antropologia quando relacionada com o espaço, não foi a crescente atenção que os investigadores depositaram nos aspectos materiais e espaciais da cultura, mas na tomada de consciência de que o espaço é um elemento essencial na teoria sociocultural. Isto é, os antropólogos passaram a repensar e a reconceptualizar o seu entendimento de cultura tendo em conta factores associados ao espaço (Low & Zúñiga-Lawrence, 2003).

Esta alteração da abordagem antropológica em relação aos contextos espaciais, em muito se deveu ao desenvolvimento de estudos e teorias de outras ciências sociais, como seja a história, a geografia, filosofia e sociologia. Estes dados remetem-nos para uma outra dimensão, a da importância da interdisciplinaridade para o desenvolvimento do conhecimento científico. Mas esses aspectos serão discutidos mais adiante (Low & Zúñiga-Lawrence, 2003).

A antropologia do espaço permite então compreender as relações e os processos que estão subjacentes à ocupação dos espaços pelos grupos humanos. Assim iremos procurar compreender de que forma é que o corpo físico (pelos sentidos) e o corpo social (que relaciona o nosso papel na sociedade com o espaço e a simbologia a si associada) interagem com o espaço; de que forma o género se constitui como um elemento diferenciador no momento de

interacção com o meio envolvente; qual a dinâmica espacial associada aos espaços negociados (espaços com/em conflito) e como, cada vez mais na sociedade moderna, urbana e ocidental encontramos espaços transnacionais.

**- a nova abordagem ao papel do espaço nas relações sociais e culturais**

Porque os cenários físicos de uma sociedade são mais duradouros do que as sociedades em si, podemos inferir sobre um conjunto de relações sociais políticas e económicas. Exemplo disso mesmo, são as cidades da baixa idade média que de um modo intuitivo e imediato reflectem a organização política das cidade-estado (características deste período) havendo uma estreita relação entre as características físicas da cidade e as características económicas sociais e administrativas (Benevolo, 1998).

Esta organização dos espaços (públicos e privados), não é aleatória, resulta sim, de um plano deliberado que depende directamente da história da/e cultura de uma determinada sociedade. A organização e estruturação deliberada do espaço são evidentes no interior das habitações: existe uma divisão para o repouso, o quarto; outra para a preparação dos alimentos, a cozinha; uma divisão para a higiene, o quarto de banho... Esta organização é no seu essencial fixa e permite por isso atribuir um conjunto de objectos e actividades a um dado espaço, condicionando também o tipo de comportamentos e relações sociais que se estabelecem (Hall, 1986 (1966)). Assim, se, como por vezes acontece, os objectos ou actividades associadas a um dado espaço são transferidas para outro, imediatamente damos conta disso. Existem contudo pessoas que se movimentam bastante bem em espaços não-específicos, não-organizados, de acordo com Edward T. Hall (1986 (1966)), esses indivíduos não conseguem classificar as suas actividades num quadro espacial, unificado, coerente e previsível. Contudo, será debatível, até que ponto essa característica resulta de um processo de socialização, amadurecimento e/ou personalidade.

Estão implícitos a todos os aspectos anteriormente referidos o *Tempo* e *Espaço*. Dois vectores inerentes à condição humana (assim como à dos restantes seres vivos). Movimentamo-nos constante e muitas vezes involuntariamente entre estas duas esperas abstractas mas que condicionam as nossas vivências fortemente. Por esse motivo da mesma forma que a História (*tempo*) surge muitas vezes como suporte às ciências sociais, *também o espaço, sendo umas das propriedades materiais dos corpos físicos, constitui um outro [suporte], na medida em situa e localiza o homem no seu meio* (Silva, 2006:185). Como iremos ver, a estrutura espacial é indissociável da estrutura social e por isso uma teoria do espaço implica uma teoria social. Assim, noções de casa, aldeia, país, são tanto espaciais quanto sociais. Reproduzem não só as relações sociais individuais, mas também testemunhos da memória colectiva em tudo o que esse conceito encerra (o percurso histórico, as suas adversidades e conflitos internos e externos) (Silva, 2006).

Graças à acção humana, um espaço deixa de ser apenas um ponto num mapa e passa a ser associado a um conceito simbólico e/ou social específico e metamorfoseia-se muitas vezes num *lugar*, como veremos adiante. O espaço é então *preenchido* pelas redes de interacção

social que fornece aos seus actores contextos para as suas acções e simultaneamente é lhe conferida uma dimensão quotidiana de trabalho e/ou lazer. Em suma, o espaço (de um modo mais amplo em termos físicos, sociais e simbólicos) e o lugar (em sentido mais estrito) não apresentam apenas uma dimensão física, mas antes apresentam várias significações simbólicas, que lhes são conferidas pelas acções dos indivíduos que se movimentam nesse espaço e que assim o ordenam, o recriam e lhe atribuem significados variáveis ao longo do tempo, criando assim uma dimensão afectiva e atribuições não raras vezes contraditórias. Da mesma forma, graças aos actores sociais, também se atribui ao espaço o carácter de profano, público, privado, banal, permitido ou proibido. Uma vez que os seres humanos, assim como os restantes seres vivos, necessitam de um território, um espaço vital, organizam e hierarquizam os vários espaços e lugares de acordo com as suas necessidades, sendo possível classificá-los como fixos, e por isso facilmente identificáveis de um ponto de vista físico, social histórico e afectivo, até aos voláteis e efémeros por serem despersonalizados e com uma consequente não atribuição de identidade e historicidade (os chamados de não-lugares, por Marc Auge) (Silva, 2006).

*O espaço e o tempo representam condicionantes inelutáveis das trajectórias biográficas dos actores sociais, dado que o espaço e o tempo condicionam em maior ou menor medida, os prismas e os caminhos da conduta diária dos actores sociais* (Silva, 2006: 188).

#### **- a importância de uma abordagem multidisciplinar na arquitectura**

A evolução da ciência ao longo do tempo tem tido como consequência uma aproximação e cruzamento de formas do saber. Esta abertura e entrecruzamento de objectos de estudo tem resultado numa mais valia. Por esse motivo, também ao nível da arquitectura, da mesma forma que ao nível técnico-metodológico se conta necessariamente com a contribuição de várias ciências exactas e mais recentemente informáticas, importa também que se passe a entrar em linha de conta com a dimensão humana que as ciências sociais conferem e que em muito podem melhorar a produção arquitectónica.

A arquitectura tem, para além do espaço, o homem como objecto e por esse motivo são múltiplas as perspectivas que temos de ter em conta quando o destino da criação é o ser humano. A perspectiva Antropológica é sem dúvida fundamental no momento de conceber um espaço e por esse motivo a relação entre a Antropologia e a Arquitectura será esclarecida de uma forma mais aprofundada. Existem contudo outras áreas igualmente importantes como seja a história (tanto na perspectiva da história da arte como na história humana), já que as correntes passadas criam tendências que poderão ou não ser seguidas. A geografia afecta também e de forma muito importante a percepção e a ocupação do espaço (*os grupos sociais entidades espacialmente situadas, a Geografia humana torna-se imprescindível* (Silva, 2006: 186)), esta relação é por demais evidente, e mais notória se torna quando se associa aos aspectos culturais da região. Entre continentes, países e mesmo dentro do próprio país é possível identificar diferenças ao nível da edificação que estão directamente associadas à

tipologia geográfica e geomorfológica. Um outro exemplo é o da sociologia que permite compreender o efeito das relações sociais e o seu condicionamento pelo espaço.

Os espaços em sentido lato e os lugares em sentido mais estrito, são por isso o reflexo das múltiplas dimensões em o homem se movimenta e tanto podem surgir naturalmente como podem ser criados com o intuito de criar uma memória e também um significado social.

### **Articulação entre antropologia e arquitectura**

Tendo em conta a mais valia que resulta do entrecruzamento de formas de saber, importa compreender de que forma a Antropologia pode tornar-se uma ferramenta importante na melhoria da qualidade do trabalho arquitectónico.

#### **- o espaço como elemento gerador de relações sociais e culturais**

O espaço, enquanto recurso limitado e desigualmente distribuído, constitui um local de confronto pela sua apropriação, interpretação e utilização por parte dos actores sociais, em regra inseridos em grupos sociais (Silva, 2006). Esta dinâmica, como já vimos, introduz nos espaços uma dimensão humana, social e cultural que irá criar uma diferença ao nível dos conceitos de espaço e lugar. Apesar de ambos se encontrarem intrinsecamente ligados e do segundo só existir com o primeiro, o que torna um espaço num lugar? quais os agentes responsáveis por essa metamorfose? O processo da criação de lugares passa por transformar uma realidade *única e ampla em unidades descontínuas em que se inscrevem ordens simbólicas e representacionais que são negociadas e conflitivamente constituídas pelos officiantes/construtores do lugar* (Quintais, 2006:41). Para a constituição destes lugares, os agentes que mais directamente os produzem, apoiam-se sempre numa tradição e a sua concretização e utilização está o mais das vezes associada a comportamentos e práticas que podem ser ditas de cariz ritual. *Os arquitectos estão entre estes officiantes do lugar, estes fazedores de lugares* (Quintais, 2006:41). Apoiando-se em práticas intrincadas no passado introduzem elementos nos espaços que sob o efeito de outros elementos da cultura material, ganham a textura e a densidade de lugares. *A Antropologia sempre preservou este tipo de preocupações que passam pela forma como as sociedades se organizam, orientam e definem no inconquistado e inarticulado dos espaços. Se quisermos como as sociedades criam lugares ao ponto de iniciarem certo tipo de efeitos relacionais que se desenham no espaço* (Quintais, 2006:41).

A dimensão conferida pela antropologia poderá dar um contributo importante aos saberes e práticas da arquitectura, mantendo sempre a sua dimensão etnográfica e a sua abordagem crítica e atenta às especificidades sociais e culturais, tendo a etnografia como veículo por excelência para a produção do conhecimento que relaciona a dimensão humana com o tempo e o espaço. Através dela, os conflitos que se produzem ao nível da produção de lugares podem ser identificados e clarificados, mesmo que esse processo possa ser provisório, incompleto, contingente, ou seja, que pressupõe a continuação do trabalho etnológico (baseado na etnografia) permitindo uma densificação do significados produzidos no espaços em causa e a

exigir também um olhar epistemologicamente sofisticado sobre as possibilidades e alcance do trabalho reconstrutivo que a etnografia presume.

*A preocupação com formas de vida específicas dá à antropologia uma ênfase muito particular que pode sugerir ou implicar linhas de interpretação e de acção que terão certamente um acolhimento propício junto dos fazedores de lugares que os arquitectos são (Quintais, 2006).*

**- o espaço como reflexo do momento histórico, político, social, estético...**

Se os espaços e lugares adquirem uma dimensão mais complexa do que a física, devido à marca que o Homem deixa nos seus espaços vitais e de transição, é natural que os grandes movimentos sociais, fiquem também impressos nos lugares. Assim não é de todo difícil associar a um determinado local uma, mas o mais das vezes a múltiplas, dimensões que reflectem a sua importância histórica, política, social e mesmo evidências de uma corrente estética.

Estas manifestações do espaço serão mais perceptíveis quando se recorre a elementos concretos e práticos, sendo que esta dimensão social do espaço será analisada mãos adiante.

- exemplo de um espaço de reflexo político e social: Terreiro do Paço, Palácio de S. Bento

- exemplo de um espaço de reflexo eminentemente social: A Brasileira do Chiado

- exemplo de um espaço de reflexo eminentemente estético: Livraria Lello (Porto)

- exemplo de um espaço de reflexo eminentemente histórico e político - a janela por onde foi atirado o conde Andeiro ou a Quinta das Lágrimas onde foi morta Inês de Castro.

## **Bibliografia**

Benevolo, L. 1998. *A cidade e o Arquitecto* (trans.) Brito, R.E.S. Arte & Comunicação. Lisboa: Edições 70.

Hall, E.T. 1986 (1966). *A dimensão oculta* (trans.) Pereira, M.S. Lisboa: Relógio D'Água.

Low, S.M. & Zúñiga-Lawrence, D. 2003. Locating Culture. In *Anthropology of space and place: locating culture* (eds) Low, S.M. & Zúñiga-Lawrence, D. Oxford; Malden: Blackwell Publishing

Silva, C.M. 2006. Espaços e sociedade: alguns elementos de reflexão. In *Relações sociais de espaço: homenagem a Jean Remy* (ed.) Balsa, C. Lisboa: Edições Colibri - COES: Investigações sociológicas